



Sebastião e Clarinha à descoberta de Esposende

Uma narrativa turística infanto-juvenil



Ficha Técnica

Título: Sebastião e Clarinha à descoberta de Esposende

Autor: Escola Sementes de Liberdade, Escola Básica António Correia de Oliveira,
Escola Básica de Apúlia, Escola Básica do Baixo Neiva, Escola Básica das Marinhas

Ilustrador: Ernesto Brochado

Editor: Câmara Municipal de Esposende

Data e local de edição: Esposende, 7 de junho de 2014

Coordenação do projeto: Câmara Municipal de Esposende

Impressão e acabamento: Nprint

N. exemplares: 1000

Mais do que uma divertida e criativa narrativa turística infanto-juvenil, “Sebastião e Clarinha à descoberta de Esposende” é uma espécie de guia turístico do concelho, direcionado para o público mais jovem, constituindo, por isso, um excelente meio de divulgação e promoção do nosso território junto desta franja da população.

Esta publicação foi idealizada por “eles” e para “eles”, os alunos das escolas que integram o projeto. A construção da “história” em torno dos atrativos do concelho originou a realização de visitas educacionais e de algumas palestras dedicadas às variadas temáticas. Desta forma, os alunos ficaram mais habilitados e motivados para construir a narrativa do Sebastião e da Clarinha, os nossos “guias”.

Na génese desta publicação esteve o pressuposto de que, para educar os valores e recursos turísticos, importa recorrer às mais variadas estratégias, processo que se constrói, naturalmente, em primeira instância, através dos mais novos, inculcando-lhes o sentido de identidade e conhecimento da sua terra.

Acreditamos que esta narrativa infanto-juvenil irá contribuir para que a educação em turismo se desenvolva, proporcionando a abordagem de valores como a cultura, educação ambiental e patrimonial, aspetos relevantes para a formação das crianças e jovens.

Serão eles, estamos certos, os primeiros a valorizar este território e a empenhar-se na sua promoção. Desde os valores naturais do Parque Natural do Litoral Norte, à diversidade de paisagens, ao património arqueológico ou mesmo à gastronomia, Esposende possui recursos que o distinguem no plano turístico.

Atendendo à relevância desta publicação, é intenção do Município inclui-la no Plano de Leitura desenvolvido pela Rede de Bibliotecas Escolares do Concelho de Esposende.

O Presidente da Câmara Municipal
Benjamim Pereira



Na Avenida da Marginal, no Centro de Informação Turística, é possível consultar diversa informação de interesse turístico e cultural, podendo também serem apreciadas exposições temporárias. O exterior do edifício dispõe de uma montra interativa disponível 24 horas por dia.

Havia um menino com nome de rei. A mãe dizia-lhe “És o meu reizinho, Sebastião!”, fazendo-o sorrir, com ar maroto, encerrando no olhar a força de um mundo inteiro.

Sebastião crescera ouvindo as histórias fantásticas da mãe sobre uma terra que havia recebido uma Carta Régia que a elevou a Vila. O rapaz perguntava “Mãe, um dia vou conhecer essa terra?” e a mãe sorria de compreensão dizendo “Meu reizinho, essa é a tua terra – Esposende!”

O rapaz tinha o velho hábito de quem vive em terra de mar. Passeava-se pela praia de manhã, absorvendo o aroma a maresia, aquecendo-se na luz solarenga que abraçava a areia e testemunhando o beijo entre mar e monte, como se fossem eternos namorados.

Numa manhã igual a tantas outras, o passeio do costume prometia ser diferente. Sebastião viu algo caído na areia, lá longe. Aproximou-se devagar, enquanto aquela visão tosca ganhava forma. Desenhou-se, então, na areia uma mancha acastanhada que tremia e piava. Antes que Sebastião a alcançasse, viu chegar uma menina com pele da cor do açúcar e com um sorriso tão doce que quase podia ser uma guloseima. A menina baixou-se junto da mancha, Sebastião alcançou-a e...

- Coitadinho! Parece ter a asa partida. – sugeriu a menina com uma expressão preocupada.

- É um borrelho... Existem muitos por aqui. Precisa de um veterinário. – concluiu Sebastião.



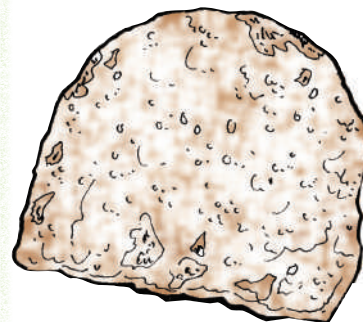
- Oh! E agora? Onde haverá um veterinário? Não sou de cá, não conheço bem Esposende. – referiu a menina.

- Pois. Eu sou de cá, mas também não sei. Posso levá-lo ao Centro de Informação Turística. Fica no centro da cidade e lá podem ajudar a encontrar um veterinário. Queres vir? – convidou Sebastião.

- Adoraria! Desculpa, nem me apresentei. Sou a Clara, mas como sou pequenina chamam-me “Clarinha”. Estou em férias na casa da minha avó, do outro lado da ponte, em Fão. – esclareceu a menina.

- Clarinha, como o doce de Fão? Eu gosto muito! Tem um recheio tão docinho que o torna delicioso. – Sebastião fez uma cara de guloso que fez sorrir Clarinha.

A menina tirou um lenço que trazia ao pescoço e deu a



A clarinha de Fão é o doce mais representativo do concelho de Esposende. O seu recheio de chila é revestido por uma massa fina e estaladiça polvilhada com açúcar.



A Estátua de D. Sebastião, localizada no largo D. Sebastião, junto ao Centro de Informação Turística, foi construída em bronze e encomendada ao escultor Lagoa Henriques, para assinalar os 500 anos da elevação de Esposende a Vila.

Sebastião para que este embrulhasse o borrelho. Sebastião pegou-o no colo, mas o seu ar meio desajeitado deu o mote a Clarinha para que fosse ela a segurá-lo. Sacudiram a areia dos sapatos e seguiram caminho pela marginal em direção ao Centro Histórico de Esposende.

O vento soprava de mansinho e a vista estendia-se para lá da restinga, cruzando as velas de quem se diverte na foz e embatendo nos mastros dos barcos que descansam na marina.

- É tão bom caminhar neste passeio. Parece que estou dentro de água! – deliciava-se a doce Clarinha.

- E ainda há tanto para ver! Vou mergulhar contigo nesta cidade, Clarinha, e vou mostrar-te locais que fazem de Esposende uma madrepérola. – Sebastião estava a adorar a companhia de Clarinha. O Centro de Informação Turística aproximava-se e o rapaz resolvera convidar a menina para prolongar o passeio e passar mais tempo com ela.

O borrelho ficou bem entregue. A asa estava apenas ferida, talvez devido a um azar na aterragem. Sebastião e Clarinha levaram-no a um veterinário depois da informação prestada no Centro de Informação Turística e o médico prometeu que, assim que a asa estivesse curada, o borrelho seria libertado para voltar a encher os pulmões com o ar de Esposende. Na volta tiveram tempo para apreciar alguns símbolos que contam histórias tão antigas quanto o Rei que deu nome a Sebastião ou o Doce da terra da Avó de Clarinha.

A menina combinara com a Avó dar um passeio à beira mar enquanto esta se ocupava da tarefa, pouco deleitosa, de entregar umas encomendas artesanais. Sentiu, então, que devia telefonar-lhe para contar que o passeio à beira mar se tinha transformado numa visita guiada por Esposende. Tinha feito um novo amigo que se oferecera como guia turístico e não queria desperdiçar esta oportunidade. A avó consentiu. Combinaram encontrar-se na praia no fim do dia, depois de a Avó completar as entregas, lá para os lados do Minante no Rio Neiva.

- Quem são estas figuras? – perguntou Clarinha, admirando os corpos robustos de uma estátua, que puxavam uma embarcação com uma corda.

- São pessoas ligadas ao mar. – esclareceu Sebastião.

- Esta praça faz parte do Centro Histórico de Esposende. Aqui está o Monumento ao “Homem do Mar”. Daqui consegues ver a Igreja Matriz. Vem! Vamos palmilhar o Centro Histórico para poderes conhecer o edifício dos Paços do Concelho, a Igreja da Misericórdia, o Largo Fonseca Lima, o Pelourinho, entre outros locais cheios de história.

Clarinha tirara a máquina fotográfica que trazia numa espécie de alforge das princesas, aqueles que as meninas adoram usar para que se tornem harmoniosamente belas, e a cada passo eternizava os locais por onde passava.

- Sebastião, é fantástico como a história desta terra se escreve nos vários cantos que a compõem. Estou a adorar conhecer esta cidade com uma identidade tão forte que a



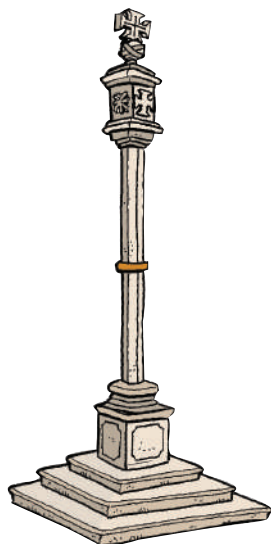
No Largo Rodrigues Sampaio está a Igreja Matriz. É um edifício que data do séc. XV, mas que sofreu obras de alteração e de restauro em épocas posteriores. É uma igreja ampla de três naves com a fachada principal voltada a poente, como é uso nas igrejas cristãs. No seu interior podem-se apreciar belos altares e um imponente órgão de tubos ibérico, datado do séc. XVIII.



Aquando das comemorações dos 500 anos das descobertas marítimas, a autarquia local decidiu erigir este monumento dedicado ao “Homem do Mar”. Inaugurado em 1997, este conjunto de cinco figuras é da autoria dos Irmãos Bom Pastor.



Esposende é uma terra de Museus onde se contam histórias do mar e do rio Cávado. A Rede de Museus do Mar de Esposende integra o Museu Municipal de Esposende (antigo Teatro-Club), localizado no Largo Dr. Fonseca Lima, e o Museu do Mar, da associação Forum Esposendense instalado no edifício da Estação de Socorros a Náufragos.



O Pelourinho, Imóvel de Interesse Público, representa o símbolo da justiça municipal, onde se aplicavam penas de justiça às pessoas condenadas publicamente para todos verem. Posteriormente, nele se afixavam as leis e decisões, quer de Justiça quer do Município, a mando do Rei.

Na Praça do Município encontra-se o edifício da Câmara Municipal ou edifício dos Paços do Concelho de Esposende, como era denominado tradicionalmente. É o local sede da administração local do Município de Esposende. O edifício original remonta ao séc. XVIII.



A Igreja da Misericórdia situa-se na Praça do Município e a sua construção remonta ao século XVI. O interior é renascentista e, no topo, tem um retábulo do século XVII, cuja tela pintada representa Nossa Senhora da Misericórdia. Nesta igreja, podemos encontrar a Capela do Senhor dos Mareantes, de cariz maneirista e cujo teto é em abóboda com caixotões de talha policromada, representando os profetas. O conjunto é classificado como Imóvel de Interesse Público.

torna distinta. – disse a doce menina.

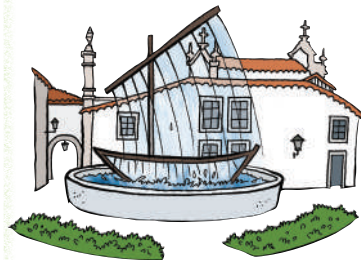
- Na verdade ainda tens muito para ver. A nossa visita só agora começou e ainda te vais surpreender com o que vou mostrar-te. – prometeu Sebastião.

- Com certeza. Antes de continuarmos, vamos pedir para nos tirarem uma fotografia na frente deste Teatro. É lindo! – elogiou Clarinha.

- Já foi Teatro, agora é o Museu Municipal. Faz parte da Rede de Museus da minha cidade, juntamente com o Museu Marítimo/Estação de Socorros a Náufragos que visitaremos de seguida.

Os amigos posaram para a fotografia com um sorriso que denunciava o entusiasmo que sentiam na expedição. O *flash* brilhou, os olhos piscaram e... quando se abriram, uma pequena ave poisou no fontanário em frente ao Museu Municipal, mesmo na ponta da vela que jorra água, despertando a atenção de Sebastião e Clarinha. A ave abriu asas e, num voo desajeitado, sobrevoou por cima das cabeças dos dois amigos como que atraindo-os para segui-lo. Entreolharam-se e, com asas nos pés, correram para não o perder de vista. Era o borrelho... e parecia querer agradecer-lhes.

Sebastião corria mais do que Clarinha. Ela tentava alcançá-lo mas não conseguia. Sebastião olhou para trás e viu que Clarinha não conseguia acompanhá-lo. Sebastião parou e deu-lhe a mão. A pele da menina era tão suave que lhe fez lembrar os pozinhos de açúcar que amaciam



O fontanário decorativo, no Largo Fonseca Lima, representa uma homenagem à embarcação de pesca atlântica da comunidade piscatória de Esposende, a Catraia. A última catraia trabalhou no porto piscatório de Esposende até 1958.



As Piscinas Foz do Cávado localizam-se na marginal junto ao rio Cávado. Este complexo de lazer inclui uma piscina interior de água doce, aquecida e com ondas, hidromassagem, uma piscina exterior de água salgada e um clube de saúde.



Junto à Foz do Cávado, localiza-se o Forte de São João Baptista e o Farol. O Forte de São João Baptista é um edifício de origem seiscentista mandado construir por D. Pedro II, para defesa e proteção da barra do Cávado contra as invasões inimigas. O Farol é constituído por uma torre cilíndrica em ferro de 15 metros de altura que projeta uma luz que serve para avisar os barcos de que estão perto da costa.

a cobertura de um delicioso bolo. Reparou também numa pulseira que tilintou quando as mãos se uniram. Intrigou-se com uma conchinha de vieira presa na pulseira. A concha tinha uma cruz em que um dos bicos era mais comprido e afiado do que os outros três.

Retomaram juntos a busca pelo borrelho, mas acabaram por perdê-lo de vista atrás de um edifício cujo fim desaguava no rio. Eram as Piscinas Foz do Cávado. Contornaram o edifício e entraram no passadiço que beija o rio. Espreitaram para a piscina exterior e lá estava ele... o pequeno borrelho. Parara para descansar a sua asa, ainda um pouco enferma.

- Ali está ele, Sebastião. Borrelhito, borrelinho lindo! Anda à Clarinha, anda! Voa até cá pequerrucho! – atraía a rapariga, estendendo a mão e esperando que a ave lhe respondesse.

- Ele não vem! – constatou o rapaz. – E se o atraíssemos com algo para comer? Talvez um inseto? – Sebastião correu num impulso sem aviso pelo passadiço e desapareceu na curva.

Clarinha continuou com a mão estendida e com o olhar bailando entre o borrelho e o Sebastião desaparecido.

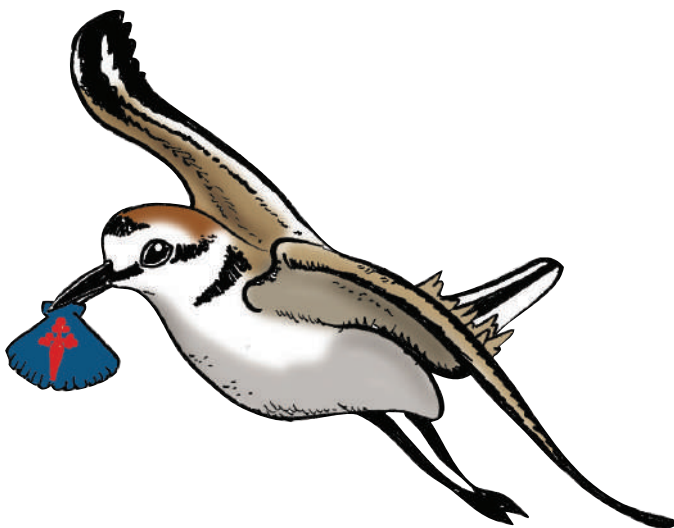
Sebastião voltou para junto da amiga segurando um pequeno crustáceo que apanhara na maré vasa. Abriu a mão e assobiou, num canto de pássaro que despertou o borrelho e o fez abrir asas em direção a eles.

- Ai que cócegas! – contou Sebastião.

- Deixas-me experimentar? – Clarinha pegou no que restava do crustáceo e o borrelho depressa debicou a palma da sua mão. A menina sorriu de cócegas e o borrelho, num gesto pouco provável para uma ave, inclinou a cabeça e esfregou-a nos dedos da menina, como que à procura de um mimo. Mas algo inesperado estava prestes a acontecer...

Enquanto Clarinha acariciava a pequena ave com a sua já característica doçura, o borrelho, num movimento brusco e imprevisível, alcançou a concha de vieira com a cruz pontiaguda da pulseira de Clarinha e arrancou-a. Rapidamente voou em direção à Foz do Cávado, percorrendo o rio e perdendo-se num quadro paisagístico com o Forte de São João Batista como pano de fundo.

- A minha conchinha! – esganiçou uma Clarinha aflita.
– É o símbolo do peregrino que percorre os Caminhos de



Visitar o Parque Natural do Litoral Norte é sempre uma aventura. É maravilhosa a convivência da água, da fauna e da flora ao longo de dezena e meia de quilómetros de costa, onde podemos encontrar praias fluviais e marítimas com recifes, dunas, pinhais...



Já no mar, podemos avistar umas rochas conhecidas como "Cavalos de Fão". Sobre elas existe uma bonita lenda que poderás pesquisar.



Aqui podemos descobrir cerca de 240 espécies de plantas e 220 espécies animais. O Parque Natural é um verdadeiro refúgio para cerca de centena e meia de aves. É no Inverno que muitas destas aves, vindas do Norte da Europa, aí buscam refúgio.



O pinhal de Ofir é muito bonito ... Numa zona mais elevada existe uma antiga capela, a de Nossa Sra. da Bonança, a quem os Pescadores de Fão dedicam grande devoção. Junto à capela, existe uma outra construção, o facho que, em tempos (séc. XVI), serviu como farol.

Santiago. A minha avó deu-ma quando concluiu a peregrinação.

- Não te preocupes, Clarinha. Havemos de recuperá-la. Só temos de seguir o borrelho. – Sebastião confortou Clarinha, mesmo não acreditando piamente nas palavras que acabara de proferir.

Sentaram-se... Havia que pensar!

Sebastião e Clarinha repousaram num banco em frente ao rio e expandiram a vista pela paisagem bucólica do Parque Natural do Litoral Norte, seguindo o voo das gaivotas na busca de alimento, respirando cada partícula de aroma trazido pela brisa fresca e navegando de barco em barco, imaginando-se a descansar na restinga de areia que se banha no Rio Cávado. Por momentos esqueceram-se que o borrelho havia levado a concha de Santiago da pulseira de Clarinha. A menina percorria o rio com o olhar, quando...

- Olha, Sebastião, é Ofir! Ofir fica do outro lado do Rio Cávado, em Fão, a Vila da minha Avó. – elucidou a menina.

As palavras de Clarinha trouxeram-na de volta à realidade. Tinha perdido a concha que a avó lhe oferecera depois de uma peregrinação a Santiago de Compostela.

Clarinha levantou-se. Tinha intenção de dizer a Sebastião que não acreditava que encontrassem a concha, quando uma sombra se assolou sobre as suas cabeças, guiando-os na direção de Apúlia.

Mais uma vez o borrelho aparecera. Trazia a concha

de vieira no bico. Poisou no varal, deixou que Clarinha se aproximasse um pouco e, no momento em que ela se preparava para agarrar a concha, o borrelho voou novamente. Voltou a poisar mais à frente, no varal. Fez um movimento com a cabeça, como que a pedir-lhes que o seguissem. Depois... Voou novamente.

- Ele quer que o sigamos! – constatou Sebastião.

- Então vamos, depressa! Ele quer entregar-me a concha, mas primeiro vai mostrar-nos algo. – Clarinha acreditava, agora, que a concha voltaria para si, por isso, havia que se apressar a recuperá-la.

Estava um barco turístico atracado ali perto. Ambos correram para embar e seguiram o borrelho que voava em direção a uma Terra de Sargaceiros.

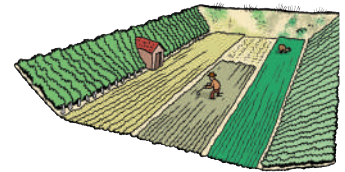
O borrelho orientava a expedição fluvial que Sebastião e Clarinha lideravam. Ambos contavam aos turistas o que já tinham visto nesta cidade de mar e monte e como seguiam agora o borrelho com a concha de vieira no bico.

O barco mimava as águas do rio em direção à Barca do Lago. O borrelho parou no cimo de uma das casas senhoriais da zona e esperou. Clarinha soube que tinham de sair ali... O borrelho aguardava-os.

Clarinha e Sebastião aproximaram-se da casa onde pousara o borrelho. A ave desceu do telhado e esperou pelos meninos junto da cancela do jardim, bem pertinho da água. Ambos chegaram perto do borrelho, um pouco a medo, para que não voltasse a fugir. Sabiam que não



Apúlia, Terra de Sargaceiros. Para além do peixe e do sal, as gentes conhecem bem a exploração do sargaço, fonte de rendimento para muitas famílias. Esta atividade remonta ao século XIII. Os sargaceiros recolhiam as algas na borda de água e colocavam-nas, em montes, a secar na praia.



O sargaço recolhido a partir de maio, depois de seco era empregue como fertilizante das terras dos “campos em masseira”.



Há cerca de 400 anos, a Barca do Lago servia de local para atravessamento do rio Cávado, uma vez que não havia ponte. Por aqui passaram muitos peregrinos que iam para Santiago de Compostela. Atualmente, já não é utilizada a barca de passagem. A atribuição do nome Barca do Lago deve-se à tipologia do local, já que, não sendo um lago, as margens estão mais distantes uma da outra, são baixas e a água é tranquila, parecendo mesmo um lago.

Associada a este local existe uma lenda, que remonta ao século XIII, na era de Cristo, que diz que a imagem de Nossa Senhora apareceu na rede de pescadores. A partir daí os barqueiros começaram a não cobrar a passagem.

era necessário investir de surpresa sobre o borrelho para lhe tirar a concha. Sabiam que a ave a devolveria de bom grado. Restava apenas descobrir o que havia para mostrar.

O borrelho recuou um pouco e passou a pata por uma depressão no solo, fazendo aparecer um pequeno tufo de ramos secos, totalmente estilhaçado e desorganizado.

- Vê, Clarinha! É o ninho do borrelho! – Sebastião atraiu a atenção de Clarinha que teimava em manter os olhos na concha pendurada no bico do borrelho.

- Oh, Céus! Está destruído! E olha, Sebastião, os ovos do borrelho estão caídos naquele charco de água. – reparou a doçura de menina.

Num movimento típico de quem encerra uma força interior digna de Rei, Sebastião mergulhou o pé no charco e apanhou os ovos, cuidadosamente, para não quebrar.

- Afinal sempre havia algo que o borrelho precisava de nos mostrar. Tem o ninho destruído e não consegue tirar os ovos da água. Vá, borrelhito, tens aqui os teus ovos. – ajudou o rapaz.

Clarinha organizou novamente o ninho, o melhor que soube, e Sebastião poisou os ovos no centro. Por momentos até lhes pareceu que o borrelho sorrisse de gratidão. A ave aproximou-se de Clarinha, estendeu o bico na direção da sua palma da mão e soltou a concha de vieira, procurando novamente um mimo nos dedos da doce menina. Depois voou até uma planta que crescia ali perto, com aspeto seco e eriçado, cortou um dos ramos e voltou para junto de



Clarinha. Abriu o bico e deixou que o ramo caísse na sua mão. Pareceu sorrir de novo e voltou para junto dos ovos.

- Que bom! Recuperaste a tua concha, Clarinha. Estava a pensar que podíamos visitar o meu pai. Ele trabalha aqui perto e podia oferecer-nos algo para beber. Estou cá com uma sede. – sugeriu Sebastião.

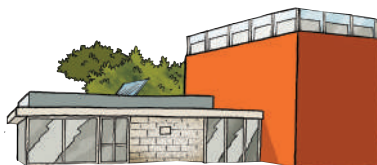
- Eu também. Fiquei intrigada com este ramo seco que o borrelho me deu. O que será? – perguntou Clarinha.

- Não sei! Mas vamos descobrir... - concluiu Sebastião.

Sebastião guiou Clarinha até ao trabalho de seu Pai. Este ficou radiante com a visita inesperada do filho, ainda mais porque trazia uma amiga muito interessada em conhecer o concelho onde vivem. Depois de um golo de água, sentaram-se nas cadeiras do escritório, mas nem



O Castro de S. Lourenço adquiriu este nome devido à Capela de S. Lourenço, situada no cimo do monte onde ele se encontra. O povoado era protegido por duas muralhas e as habitações originais eram de forma circular ou retangular, nas quais habitavam povos da Idade do Ferro que, ao longo dos séculos, preservaram marcas da sua ocupação e influência romana.



No espaço do Castro localiza-se o Centro Interpretativo de S. Lourenço, com duas áreas expositivas que apostam num percurso entre o passado, o presente e o futuro, apresentando temas como a evolução do homem e do território.

tempo tiveram para aquecer o assento...

- Que interessante! O que são estas casotinhas redondas, Sebastião? Parecem chapéus! – Clarinha reparara numas casas redondas moldadas em terracota que estavam expostas na vitrina do escritório e levantou-se para melhor as examinar.

- São casas castrejas. – interrompeu o Pai do rapaz e explicou de seguida. – São reproduções de casas construídas na Idade do Ferro, há alguns milhares de anos. Há muitas cá em Esposende. Se visitarmos o Castro de São Lourenço podemos conhecer muito mais sobre os povos que ocuparam esta zona.

Havia mais uma razão para Clarinha e Sebastião continuarem juntos nesta expedição. Na companhia do pai do rapaz, os dois rumaram de automóvel até ao Centro Interpretativo de São Lourenço.

A visita ao Castro de São Lourenço encheu Sebastião e Clarinha de vontade de seguir os numerosos vestígios deixados pelos povos ancestrais. Bambolearam-se pelos vários locais onde estes registos jazem.



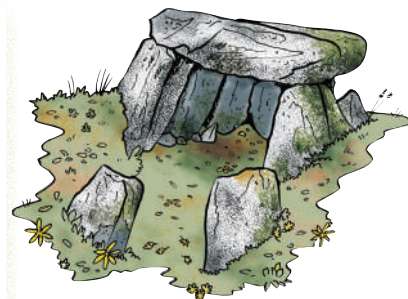
Entre dólmens, menires, cemitérios medievais e outras relíquias que compõem o Património Arqueológico do Concelho, os amigos deliciavam-se com a riqueza histórica de Esposende e surpreendiam-se por poder visitar gratuitamente imensos locais inseridos nas mais variadas áreas do conhecimento.

Em cada local onde paravam, Clarinha perguntava-se o que seria aquele ramo seco que o borrelho lhe havia dado na Barca do Lago. Quando chegaram ao menir de Mar, algo que até ali lhe passara despercebido, ganhou contornos que começaram a elucidar sobre aquele presente incógnito.

- Clarinha, já reparaste que a tua bolsinha parece ser feita do mesmo material do ramo que o borrelho te deu? – alertou Sebastião, pegando no pequeno alforge de princesa onde a menina guardava a máquina fotográfica.

- É verdade! Significa que fazem Artesanato com esta planta. Mas o que será? – perguntava-se em voz alta, Clarinha.

- É um ramo de junco! Podiam ter perguntado! – desvendou o Pai de Sebastião. – O junco é, juntamente com a pedra,



O planalto de Vila Chã apresenta como principal exemplo da riqueza arqueológica os dólmens, também chamados de antas. Os dólmens são construções feitas com pedras de grandes dimensões colocadas na vertical e uma laje de pedra que fazia de cobertura. Eram os locais onde se enterravam os mortos. Todo este conjunto era coberto por terra, formando uma grande elevação no terreno (mamoas).



O menir de Mar está erguido no meio de um campo de cultivo, por trás da Igreja Paroquial, certamente um ambiente muito diferente daquele que o rodeava quando originalmente aqui foi colocado. Os menires seriam monumentos megalíticos relacionados com cultos de fertilidade, ou marcações simbólicas de territórios.



As esteiras e cestas de junco, de Forjães, são uma tradição cuja origem se perde no tempo. O seu fabrico obedece a várias fases, como a apanha do junco que cresce nas margens dos rios, a cora (para dar cor ao junco) e, finalmente, o tear - onde são tecidos os painéis, que depois são cosidos com fio de juta, bem como as asas, dando assim origem às cestas. Também o trabalho da pedra é uma tradição da qual se encontram vestígios desde o paleolítico, pois esta é uma zona muito rica em granito.



A azinha do Minante, em Antas, é um dos locais mais bonitos do Rio Neiva, com a sua ponte em granito, a represa e o espelho de água muito limpa, onde se reflete o verde da vegetação.

uma matéria-prima muito utilizada no artesanato local. A tua bolsa é um bom exemplo do quão bonito pode ser o produto final.

Clarinha orgulhou-se por envergar um artigo feito pelas mãos da gente daquele local. Enquanto admirava a bolsa, a menina lembrou-se que o tempo tinha sido gentil ao passar devagar para que ela pudesse ver tantos locais diferentes em Esposende. Mas havia que voltar!

- A minha avó deve estar a acabar de entregar as encomendas perto do Minante, no Rio Neiva. – lembrou Clarinha.

- Porque não vamos ter com ela? – sugeriu Sebastião.
– Levas-nos lá, Pai?

- Claro que sim! Um belo local para fotografar e fazer um postal, Clarinha. – concordou o Pai do menino.

Assim que chegaram à Azenha do Minante a avó de Clarinha ficou surpreendida com aquela visita. O fim de tarde revelou-se agradavelmente relaxante no seio daquela paisagem tão natural e perfeita. Clarinha contou à sua Avó todo o percurso que fizera com Sebastião e o quanto tinha aprendido sobre uma terra de mar, monte e história.

O tempo de Clarinha e Sebastião estava a terminar. Fora um dia repleto de aventura e a aproximação da hora da despedida deixava um rasto de nostalgia nos corações dos dois amigos que, a cada passo, pareciam inventar formas de prolongar os poucos minutos que restavam para Clarinha regressar a Fão.

- Ainda faltam alguns sítios para ver! – disse Sebastião.
- Temos de voltar, Sebastião. – as palavras da Avó de Clarinha denunciaram o fim da visita.

- Estamos tão perto do Monte da Guia. É uma bela forma de acabar a visita por hoje. O miradouro e Capela da Senhora da Guia são um belo cenário para levar como recordação da visita de hoje. Vai deixar-vos vontade de voltar. – o Pai de Sebastião compreendera o quão o rapaz queria estar com a menina.

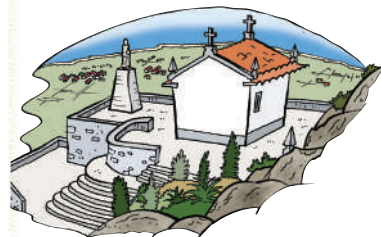
- Muito bem! O Monte da Guia será então o nosso último ponto de paragem de hoje. – concluiu a Avó de Clarinha.

Já no Monte da Guia, a menina despediu-se de Sebastião com um abraço, prometendo voltar assim que lhe fosse possível. Tinha adorado fazer esta expedição com o amigo.

Entraram nos automóveis, fecharam as portas e desapareceram em direções opostas, espreitando no banco de trás até a imagem de um e outro se perder na distância. Tudo terminara...

Clarinha acordava todas as manhãs e olhava para o outro lado do rio. Uma ponta de saudade crescia num canto do seu coração e a vontade de rever Sebastião remava no seu interior.

Numa das manhãs em que Clarinha espreguiçava o seu coração para caber mais um pouco de saudade, ouviu um piar vindo da janela.



A Senhora da Guia fica situada no topo do Monte da Guia, em Belinho. Tem um escadório com 455 degraus. No miradouro consegue observar-se uma lindíssima paisagem sobre a costa atlântica. O nome da capela tem origem na existência de um lampião de azeite que antigamente servia de farol para orientar os navegantes. Contudo, a capela atual foi inaugurada no dia 19 de maio de 1974.



A Festa do Bom Jesus de Fão, realiza-se anualmente no fim de semana e segunda-feira de Pascoela. Conta a tradição que uma mulher encontrou uma imagem de Cristo enterrada na margem do rio e, por isso, se construiu o templo, que tem no altar-mor a figura do Senhor dos Passos, ali conhecido como “Senhor de Fão”.

- Borrelhito! Tu, outra vez?! – Assim que se aproximou da ave, uma outra poisou, e mais outra e uma outra, ainda, ocuparam o parapeito da sua janela. Os ovos do borrelho haviam eclodido e a ninhada veio visitá-la, ansiando pelos mimos macios da doce menina.

Mas a expressão dos borrelhos denunciava alguma preocupação. A mãe borrelho voou apressada, e atrás dela, um por um, os pequenos borrelhos levantaram voo. Voltaram à janela e repetiram a descolagem vezes e vezes sem conta.

Clarinha percebera... Os borrelhos queriam tirar Clarinha de casa.

- Avó, Avó! Temos de ir atrás dos borrelhos! Temos de ir!

Temos de ir! – gritava Clarinha desenfreada e sem saber como justificar toda a sua azáfama.

- Calma, Clarinha! Mas o que se passa? – perguntava a Avó.

Pouco tempo passou entre a explicação, pouco convincente, de Clarinha e a conivência da Avó em seguir os borrelhos. As aves guiaram-nas até à margem esquerda do Rio Cávado, onde ocorria uma romaria com imensas pessoas. Os borrelhos descansaram perto da água. Clarinha saiu do automóvel, aproximou-se dos borrelhos e, bem de repente, parou!

Clarinha sentiu o coração palpar de ansiedade. A sua face enrubescceu ligeiramente e a menina, corada que nem

uma clarinha de Fão acabadinha de fritar, chamou:

- Sebastião!

O rapaz virou-se e:

- Clarinha–corre na direção da menina, encontrando-a com um abraço ternurento, que causou uma explosão de saudade que saía dos corpos de ambos os amigos.

- Que fazes aqui, Sebastião? – perguntou Clarinha.

- A minha mãe é devota do Senhor de Fão. E eu, como gosto das Festas e Romarias do nosso concelho, resolvi vir com ela. Assim podia ser que te encontrasse. E encontrei! – concluiu, contente, Sebastião.

Os borrelhos haviam visto Sebastião na margem e não quiseram que Clarinha deixasse de o encontrar. A menina agradeceu à família de borrelhos por proporcionar o encontro e divertiu-se comendo cavacas e rebuçados de caramelo.

- Eu quero ir, Avó! Deixas-me? Deixas, Avó querida do meu coração! Vá lá, minha Avózinha tão linda, querida e fofinha! – Clarinha não poupava os elogios para que a Avó a autorizasse a passar a tarde na casa de Sebastião.

- Muito bem, menina! Podes ir, mas com uma condição!

Vais levar um presente a um amigo especial. Vamos só passar em casa para to dar e explico-te pelo caminho o que deves fazer.

Clarinha levou o saco que a avó lhe entregara e atravessou a ponte de Fão muito empolgada, pois a tarde em casa de Sebastião prometia ser divertida.



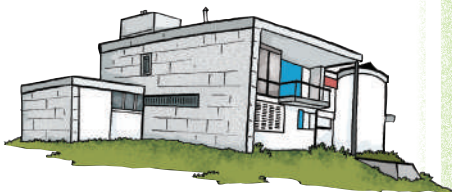
Existem muitas outras festas e romarias pelo concelho, contudo, aquela que tem maior projeção nacional é a romaria a

São Bartolomeu

do Mar. A festa começa dia 22 de agosto, com a “Feira do Linho”. O grande dia é o 24: começa com o “Banho Santo”, em que as crianças são mergulhadas na água do mar por banheiros experientes, num ritual de purificação, entre o sagrado e o profano. Diz-se que este banho liberta as crianças do medo e tira a gaguez. Depois do banho é oferecido ao santo um galo negro e faz-se a romaria ao Santo. À tarde realiza-se a procissão de andores até à praia e a bênção das águas.



A Ponte D. Luís Filipe, localmente conhecida como Ponte de Fão, foi durante mais de um século, a principal travessia do Cávado na orla costeira. A ponte data de finais do século XIX, sendo um exemplar do património da Arquitetura Industrial e encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público.



A Casa Museu Viana de Lima, da autoria deste arquiteto, conhecida por Casa das Marinhas, é um belo exemplo da arquitetura balnear que se pode encontrar nesta zona. Esta casa foi construída em 1954 a partir de um moinho e representa uma homenagem a uma das figuras mais importantes da arquitetura portuguesa.

No carro dos pais de Sebastião, a estrada trazia memórias da expedição anterior e os dois amigos recordavam alguns dos locais por que haviam passado. Clarinha mostrava as fotografias que transpareciam entusiasmo e amizade quando...

- Ahhhhh! – O grito da menina dançou com o som dos pneus a fumegar no alcatrão, depois de algo se ter atravessado na frente do carro e obrigar o Pai de Sebastião a travar. Pararam mesmo em frente da Casa Museu Viana de Lima. A nuvem de preocupação que pairava sobre o carro fazia chover temor do que poderia ter acontecido ao pequeno animal, de tal forma que nem apreciaram condignamente a Casa Museu. Os dois amigos saíram do carro depois dos pais de Sebastião e espreitaram para debaixo do carro. Lá estava um pequeno esquilo, com uma



bolota na mão e a olhar em volta, perdido e amedrontado, sem se atrever a dar mais um passo. O Pai do rapaz pegou-o no colo e reparou que nada lhe acontecera. Por pouco não tinham atropelado aquele esquilo desenfreado.

- Saiu da Casa Museu Viana de Lima. – constatou, agora bem mais calmo, Sebastião.

- Hã! Com a situação nem reparei como tem uma arquitetura singular. E quanto ao esquilo, o que faremos? – perguntou Clarinha, acariciando o esquilo.

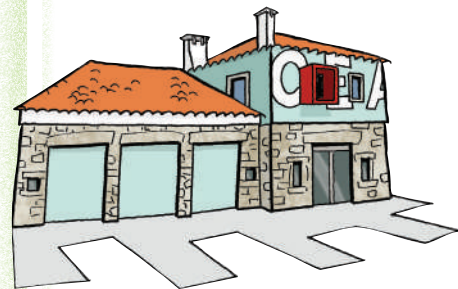
- Vamos levá-lo ao Centro de Educação Ambiental. Fica aqui pertinho e, com certeza, saberão o que lhe fazer.

Aproveitamos e lanchamos no Parque de Merendas, vemos as Hortas Pedagógicas e aprendemos um pouco sobre a responsabilidade que temos em contribuir para a sustentabilidade do nosso Concelho.

- Sebastião, ainda não conseguimos chegar a tua casa, mas, sabes, parece que embarcamos em mais uma expedição sem nos apercebermos. – referiu, contente, Clarinha.

- Sim, na verdade está a ser muito mais interessante do que simplesmente brincar em casa. O Centro de Educação Ambiental é um espaço muito prazeroso. Já pensaste no que aprendemos aqui? – Perguntou Sebastião.

- Muito, sem dúvida. Hum... Sabes, queria entregar o presente que a minha Avó me pediu. Tenho receio de me esquecer e isso seria pouco respeitoso para com a minha Avó.



O Centro de Educação Ambiental é um equipamento que promove a defesa e proteção ambiental, realizando ações de sensibilização, educação e formação ambiental. Para isso, dispõe de uma exposição permanente, que se chama "Ambiente Interativo", uma Biblioteca, uma Ecoteca, um Auditório e uma sala de atividades. Nos espaços exteriores, existem as oficinas de trabalho do Verdinho e do Caça-Sujões, Hortas Pedagógicas, Horto Municipal, Trilho da Biodiversidade, Cantinho da Compostagem e Parque de Merendas.



O Albergue de São Miguel é um sítio para descanso e pernoita dos peregrinos que vão a caminho de Santiago de Compostela. Este espaço foi inaugurado em maio de 2011.



Os peregrinos são pessoas de fé que fazem caminhadas até um local sagrado. Neste caso, os peregrinos que por aqui passam dirigem-se a Santiago de Compostela, para verem os restos mortais de São Tiago, um dos apóstolos de Jesus.

Afinal ela só me deixou vir contigo na condição de entregar o presente. – disse Clarinha, emanando a doçura que tanto adocicava o coração de Sebastião.

- Mas que presente é esse? E onde tens de o deixar? – questionou Sebastião.

- Ora, uma vez que estamos nas Marinhas, não tenho dúvidas de que será perto. É no Albergue de São Miguel, um local onde pernoitam os peregrinos de Santiago de Compostela.

Quanto ao presente, não sei! Quando a minha Avó mo entregou já estava fechado. Veremos quando lá chegarmos. – apesar de curiosa, Clarinha manteve o presente fechado até chegar ao albergue que representa um dos locais de passagem dos peregrinos que percorrem os Caminhos de Santiago.

- Três chapéus? Mas para que são os chapéus? Essa parte a minha Avó não me explicou! – exclamou Clarinha ao ver que dentro da caixa estavam três chapéus.

- Menina Clarinha, o chapéu, juntamente com a concha de vieira com a cruz que tem na pulseirinha que traz no pulso, são os símbolos do peregrino de Santiago de Compostela. A sua Avó prometeu trazer-me um chapéu de Santiago quando voltasse da peregrinação. Vejo que cumpriu a sua promessa. E trouxe, não só para mim como, pelo número de chapéus, um para ti e outro para o teu amigo. – referiu o senhor que os recebeu no Albergue de São Miguel.

- A minha Avó está sempre a fazer-me surpresas que me deixam derretida de amor por ela. É um belo chapéu e, além de ser um dos símbolos dos peregrinos, será também o símbolo da nossa amizade. Que dizes, Sebastião? – Clarinha colocou o chapéu na cabeça do rapaz e sorriu, esperando o seu consentimento.

- Uma ótima ideia! Um símbolo com duplo significado. Guardá-lo-ei para sempre. Obrigado, Clarinha. – agradeceu Sebastião, com um brilho no olhar, que denunciava a força daquela amizade.

- Vamos, meninos! A maré vasa aguarda-nos! – Disse o Pai de Sebastião, levantando uma poeira de dúvida na mente de Clarinha.

- Maré vasa? – perguntou a menina.

- Eu moro perto da praia! Esposende tem praias excelentes e, depois de um Inverno de solidão, a areia gosta de sentir o beijo dos nossos pés. Mas isso tu já sabes, porque também estavas a acariciar a areia no dia em que nos conhecemos. – referiu Sebastião.

- Sim, eu adoro andar na praia. Vou muitas vezes à praia de Ofir com os meus pais e avós.

- Não demoremos mais! Quero molhar os pés na água fresca e ver se apanho uns camarões. – entusiasmou-se o rapaz.

A areia estava fria, o vento soprava leve, como no dia em que o borrelho caíra ferido. Sebastião e Clarinha brincaram até o cansaço gritar alto e atirá-los para a areia. Olharam



O concelho de Esposende possui uma extensa orla marítima. Desde há muito tempo que as suas praias, no Verão, se enchem de gente à procura de uns bons banhos de mar... e de sol.

E a escolha é acertada, porque algumas destas praias (Suave Mar, Ofir, Cepães e Apúlia) já há vários anos são certificadas com Bandeira Azul.



As condições naturais de Esposende permitem a realização de muitos desportos. A Natureza é um cenário privilegiado para a prática de BTT.



A Rede Municipal de Percursos Pedestres de Esposende oferece uma grande variedade de trajetos com diferentes exigências.



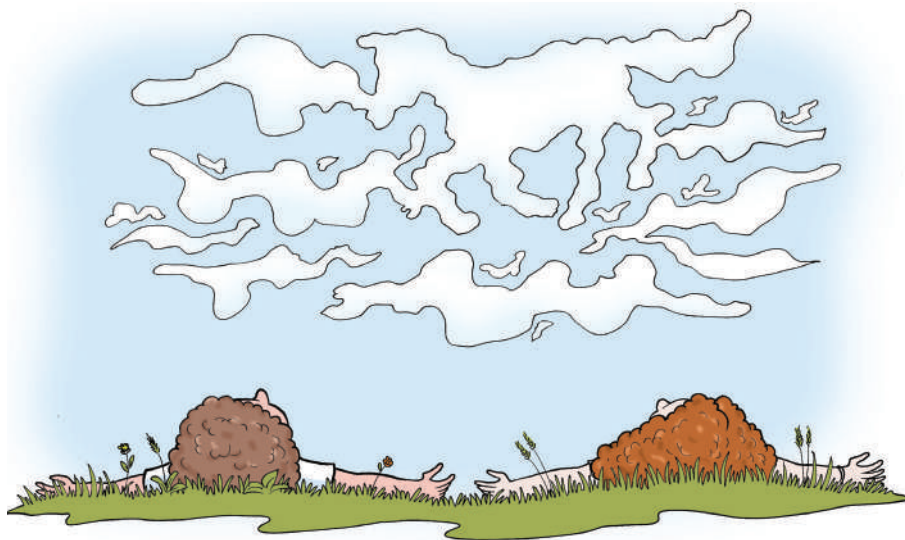
Em Gemeses existe o campo de golfe da Quinta da Barca.

as nuvens que compunham o céu azulado e iniciaram uma nova viagem, desta feita pelo mundo incrível do imaginário!

- Estás a ver aquela nuvem? Parece-me um cavalo! – observava Clarinha.

- Olha! Aquela mais esticada parece uma trave e o teu cavalo vai tentar saltá-la, como no Hipismo. – referiu Sebastião. - Acho que conseguiu! E, olha, aquela é uma bicicleta. Sou eu quem vai a fazer BTT e vou ganhar!

- Não vais, não! Eu sou muito rápida a pedalar!



- Clarinha sorriu, soprando doçura.

Sebastião e Clarinha saltavam de nuvem em nuvem, deitados na areia cor de neve, imaginando os mais diversos Desportos de Natureza que podiam encontrar no concelho de Esposende. O sol brilhava alaranjado no cimo do mar.

Os raios coloriam levemente as nuvens e davam à

areia uma tonalidade amarelada, que faziam do local uma pintura perfeita. Sebastião olhou Clarinha nos olhos e, sem uma explicação clara de como nem porquê, ele soube...

- Nunca mais te quero perder, Clarinha!

Ela corou!

- Nem eu, Sebastião, nem eu!

O sol adormecera e a noite trouxera a Lua para iluminá-la. Sebastião e Clarinha entraram em casa de Sebastião com a areia a fazer cócegas entre os dedos. A Avó de Clarinha havia chegado para levá-la de volta a casa, mas resolvera aceitar o convite dos pais de Sebastião para provar algumas iguarias do Concelho. Os adultos falavam da Gastronomia do Concelho de Esposende e os dois amigos perdiam-se de gulodice ao ouvir o nome de pratos variadíssimos, todos eles deliciosos, e de doces regionais ainda mais saborosos.

Comiam e conversavam, criando laços, eternizando o momento com a máquina fotográfica de Clarinha, aprendendo com os mais velhos e ensinando-lhes quão sábia é a inocência da infância.

O jantar foi repleto de uma panóplia de paladares que os deixou satisfeitos e a precisar de uma caminhada ao luar.

Os adultos continuavam a conversar, às vezes sobre assuntos demasiado complexos, daqueles que só os adultos conseguem conversar. Sebastião e Clarinha apressaram o passo, entre brincadeiras com os pés, pequenas corridas, risos e cumplicidades.

Resolveram descansar um pouco num muro regado



No concelho de Esposende, os pratos mais típicos e procurados pelos turistas são os confecionados com marisco ou peixes do mar e dos rios Cávado e Neiva. O arroz de marisco, a lampreia (entre janeiro e março), o robalo ou o polvo são iguarias presentes em todos os restaurantes. Para os gulosos, temos as famosas Clarinhas de Fão, com um delicioso recheio de chila, e uns folhadinhos de fazer crescer água na boca. Ah...não podemos esquecer o famoso queijo das Marinhas... e a manteiguinha para barrar no pão!



Na água há também muita aventura e emoção, com boas ondas, sendo Esposende considerado como um excelente local para o kitesurf.



Mas pratica-se também surf, windsurf, paddle surf, bodyboard, canoagem, vela e kayak nos rios Cávado e Neiva.



No Concelho existem ainda três centros hípicos.

pelos salpicos do mar, mesmo pertinho da foz, onde águas doces e salgadas se unem na dança das ondas. A Lua brilhava e, vaidosa, via-se refletida no rio, dando-lhe um brilho prateado. O ar era fresco, suave, e o vento soprava meigo, quase acariciando a face de cada um.

- Gosto muito de ser teu amigo, Clarinha! – disse Sebastião, cortando a frescura do ar com a voz quente, digna de um Rei forte e decidido.

- Eu... Eu também, Sebastião! Gosto de estar contigo, de conhecer esta terra mágica, cheia de história e diversão. Descobri que é uma terra muito bonita! – Clarinha balançava docemente as pernas e bamboleava o seu olhar entre o rio prateado e o cabelo gingão de Sebastião.

- Sim, bonita é uma boa palavra, mas... - Sebastião hesitou um pouco. Era algo demasiado importante para ser dito apenas por dizer. – Não tão bonita como tu, Clarinha!

As maçãs do rosto de Clarinha enrubesceram, como se tivessem amadurecido, e a sua cabeça encolheu-se numa vergonha entusiasmada pelo que acabara de ouvir. Sebastião inclinou-se levemente, aproximando-se da face corada de Clarinha. A menina fitou-o num segundo de consentimento e, no colo do rio, beijados pelo mar e abraçados pelo monte, Sebastião, o reizinho que parece encerrar o mundo inteiro dentro de si, e Clarinha, a menina de pele da cor do açúcar que adoça o paladar dos que a conhecem com o seu sorriso, arrojjaram-se

a imortalizar um dos momentos que recordariam para
todo o sempre...

O seu primeiro beijo!

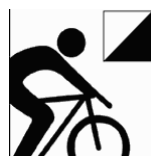


Olho Vivo

Descobre na sopa de letras algumas das espécies que habitam no Parque Natural: um peixe de rio, um anfíbio, duas aves em perigo de extinção, uma árvore, um réptil e um mamífero.

R	I	V	S	O	U	P	T	A	H
P	K	L	A	M	P	R	E	I	A
A	G	W	P	U	I	R	A	L	Ç
I	A	T	O	Q	N	A	L	A	O
G	I	E	T	O	H	L	C	N	R
B	U	Z	D	O	E	A	E	P	U
I	I	X	L	V	I	B	U	M	N
R	A	N	S	A	R	D	A	O	E
O	X	F	V	L	O	N	T	R	A
T	T	S	A	E	C	I	O	R	S

Desportos que podes praticar na natureza, em Esposende: identifica os seus símbolos:



1 _____



2 _____



3 _____



4 _____



5 _____



6 _____



7 _____



8 _____

Palavras cruzadas:

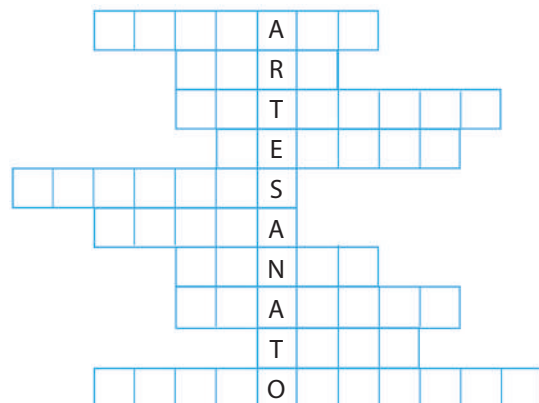
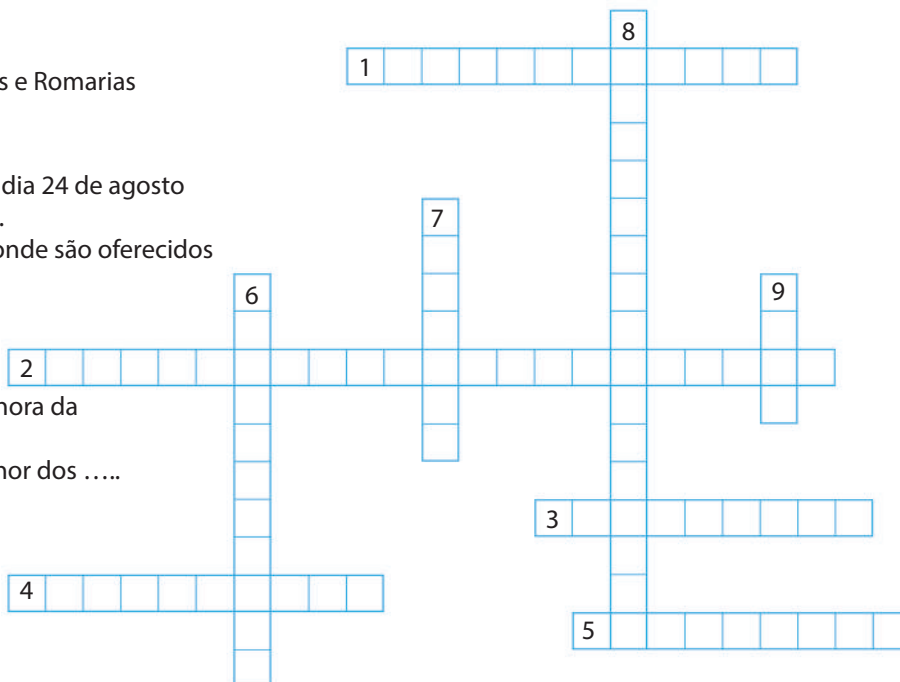
Consulta a página onde se fala das Festas e Romarias para descobrires as palavras cruzadas:

Horizontais:

- 1 – Nome do banho dado às crianças no dia 24 de agosto numa das praias do litoral de Esposende.
- 2 – Nome da freguesia (com padroeiro) onde são oferecidos galos pretos ao santo.
- 3 – Domingo de ... , a seguir à Páscoa, onde se realiza a procissão do Senhor dos Enfermos.
- 4 – Local da realização das festas da Senhora da Saúde.
- 5 – Em Fão realiza-se a procissão do Senhor dos

Verticais:

- 6 – O que se oferece ao Santo, depois do banho de mar.
- 7 – Nas festas Sanjoaninas fazem-se subir ... no céu.
- 8 – Festa que se realiza a 15 de agosto.
- 9 – Local onde foi encontrada uma imagem de Cristo



Acróstico:

A partir da palavra Artesanato completa a grelha:

- 1 - Localidade onde se trabalha o junco.
- 2 - Processo de secagem do junco.
- 3 - Com o junco produzem-se as...
- 4 - E as...
- 5 - No tear são tecidos os...
- 6 - Tradição artesanal que remonta ao paleolítico.
- 7 - Cresce nas margens dos rios e com ele se fazem as cestas.
- 8 - Tipo de pedra que abunda na região de Esposende.
- 9 - Instrumento onde se confeccionam os painéis.
- 10 - Época da Pré-história a que remonta a tradição do trabalho da pedra.

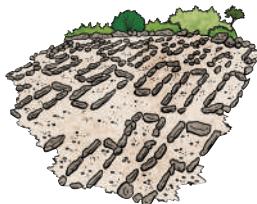
Carimbos

Depois de finalizares os jogos e juntares nesta página os carimbos do Centro de Informação Turística, Centro Interpretativo de São Lourenço, Museu Municipal, Museu do Mar, Igreja da Misericórdia de Esposende e Centro de Educação Ambiental, poderás levantar uma oferta/lembrança de Esposende no Centro de Informação Turística.

Mais património e locais de interesse



Monte do Sr. dos Desamparados
(Palmeira de Faro)



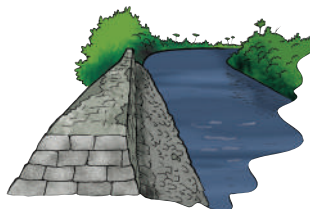
Cemitério Medieval (Fão)



Escolas Rodrigues Faria (Forjães)



Biblioteca Municipal
"Manuel de Boaventura" (Esposende)



Marachão (Rio Tinto)



Capela da Senhora da Saúde
(Esposende)



Capela e Cruzeiro de S. João (Esposende)



Moinhos de Vento (Apúlia)



Moinhos da Abelheira (Marinhas)

Soluções dos Jogos

Olho vivo

Sapo, lampreia, pinheiro, sardão, água, agora, lontra

Palavras cruzadas

1 - Banho Santo; 2 - São Bartolomeu do Mar; 3 - Pascoela;
4 - Esposende; 5 - Enfermos; 6 - Galo preto; 7 - Balões; 8 -
Senhora da Saúde; 9 - Fão

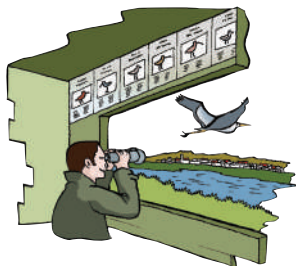
Identifica os símbolos

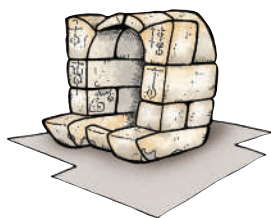
1 - BTT; 2 - Pedestrianismo; 3 - Kayake; 4 - Paddle surf;
5 - Golfe; 6 - Windsurf; 7 - Surf; 8 - Kitesurf

Acrostico

1 - Forjães; 2 - Cora; 3 - Esteiras; 4 - Cestas; 5 - Painéis;
6 - Pedra

Mapas, mais património e locais de interesse





Fonte do Couto (Fonte)



Menir de Antas (Antas)



Picotinho (Mar)



Pescaria (Apúlia)



Casa de Belinho (Antas)

